

Os mundos do trabalho nas rotas marítimas da liberdade

The worlds of labour on maritime routes of freedom

Antonio Luigi Negro*
Felipe Azevedo e Souza**

EM CANOAS, jangadas, tumbeiros, navios mercantes ou mesmo nos portos e em comunidades litorâneas, as vidas de trabalhadores implicados nos fluxos das rotas marítimas inspiraram investigações interessadas nos deslocamentos e em cenários de ampla interação. Os artigos deste dossiê se articulam em uma cronologia abrangente, mas vinculada de uma forma ou outra no escopo do processo de “expansão – econômica, territorial e demográfica – da escravidão” e do capitalismo atlântico.¹ Em termos espaciais, as lutas e experiências dos trabalhadores embarcados convidam à superação de enquadramentos analíticos circunscritos a recortes espaciais estáticos ou limitados às fronteiras nacionais. As reflexões de Julius Scott sobre o Atlântico Revolucionário estabeleceram um ponto nodal na conflituosa justaposição entre as sociedades de *plantations* e a cultura marítima. Enquanto “a escravidão e seu regime exigiam um *status* fixo e limites claros, os navios e o mar passaram a simbolizar, para muitos, possibilidades de mobilidade, fuga e liberdade”.²

Por outro lado, Philip Morgan pontuou a paradoxal circunstância desse universo de mobilidade que era vivenciado, no mais das vezes, sob despóticos regimes pautados por rigidez hierárquica que se assemelhavam “a uma prisão de madeira” flutuante. Morgan

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador CNPq. Professor titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: negro@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7253-355X>.

** Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: felipeazv.souza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6232-3273>.

1 NEGRO, Antonio Luigi. A lavoura do algodão no sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil: uma história de amor global entre capitalismo e escravidão. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 42, n. 87, p. 387-396, 2021.

2 SCOTT, Julius S. Afro-American Sailors and The International Communication Network The Case of Newport Bowers. In: JACKSON, Maurice; BACON, Jacqueline (ed.). **African Americans and the Haitian revolution: selected essays and historical documents**. London and New York: Routledge, 2010. p. 26.

pontuou que “O mundo marítimo tanto borrou quanto enrijeceu as esferas da liberdade e da escravidão”.³ Na interessante narrativa da vida de Olaudah Equiano, o marinheiro negro relatou que suas primeiras viagens foram marcadas pelo “terror” constante das hostilidades de uma tripulação que o tratava a “bofetadas” e diuturnamente o ameaçava de morte. Mas, Equiano passou a dominar os códigos da vida marítima e as técnicas de navegação, e foi naquele universo que conseguiu com o tempo entender nas frestas da subordinação como elaborar seu próprio caminho para a liberdade.⁴

Os estudos aqui congregados compartilham do interesse em compreender como os subalternos enredados nas cadeias comerciais globais se apropriavam da mobilidade típica de seus ofícios em seu próprio favor para reivindicar direitos, estabelecer marcos de autonomia e confrontar as hierarquias sociais. O dossiê se formou a partir da chamada para a publicação de artigos sobre as brutais dinâmicas do escravismo e em outros mundos do trabalho, constantemente desafiadas pela coragem e rebeldia da parte da classe trabalhadora. Em especial, queríamos trazer à tona pesquisas históricas sobre as estratégias de luta de navegantes em rotas marítimas, como via para liberdade e novos direitos.

O dossiê “Os mundos do trabalho nas rotas marítimas da liberdade” convocou para a publicação a pesquisa original sobre como as classes subalternas se valeram dessas rotas: através de fugas individuais ou coletivas, por meio da cooperação com trabalhadores e trabalhadoras do porto ou embarcados, mediante o fluxo de ideias e notícias. O dossiê revela como os caminhos marítimos de circulação de valiosas mercadorias eram também apropriados enquanto espaços de ação, a partir de baixo.

Em contraste com o contexto vivido por W. E. B. Dubois, hoje – quando percebemos no tema do dossiê “uma parte do nosso movimento operário”, já não vemos mais essa História como um movimento rumo ao “triumfo unilateral dos sindicatos, partidos políticos e movimento socialista”. Também já não é mais a “saga dos séculos XIX e XX”. Em terceiro lugar, o modo de produção não faz sentido se qualquer abordagem não compreender o seu significado: de ser um “cenário onde a classe operária transforma a acumulação capitalista e a exploração (os termos são inseparáveis) em expressões próprias de sua discussão e de sua luta”.⁵

O artigo que deu impulso ao dossiê é o de Marcus Rediker (Universidade de Pittsburgh), “Escapando da escravidão pelo mar na véspera da Guerra Civil Americana: uma história do trabalho”, publicado simultaneamente em português e inglês. Em seguida, está publicado “Os limites da Revolução Atlântica: poder indígena, espectros de São Domingos e a Conspiração de Maracaibo de 1799”, resultante da cooperação autoral entre Forrest Hylton (Universidade Federal da Bahia) e Miguel Durango (Universidade da Pennsylvania). Tendo vindo a lume também em inglês e português, ganhou tradução para o espanhol. Logo em seguida, o artigo

3 MORGAN, Philip D. Maritime Slavery. **Slavery & Abolition**, v. 31, n. 3, p. 311-326, 2010. p. 321.

4 EQUIANO, Olaudah. **The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, The African Written by Himself**. Dodo Press, 2007. Cap. III.

5 LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeçeram. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 7-46, 1983, p. 31, 44, 11.

“Rethinking Slavery’s Abolition in Ceará Through an Engagement with Maritime Marronage” é a primeira publicação de Martine Jean (Universidade de Harvard) em um periódico brasileiro. Na continuação, se lê o artigo “‘Na maior confusão e desamparo’: um motim a bordo na Marinha Mercante portuguesa do século XVIII e suas motivações”, de Jaime Rodrigues (Unifesp). Outro artigo resultante de cooperação autoral é “Adversidades e reivindicações dos homens do mar: dinâmicas em torno da cobrança de soldadas e protestos contra a ação corsária na marinha mercante lusa (c.1788-c.1822)”, de autoria de Hugo André Flores Fernandes Araújo (UFSM) e Quelen Ingrid Lopes (UFJF). Caio Giulliano Paião (Unicamp) se soma ao dossiê com “Rumos da liberdade: geografia insurgente e trabalho marítimo na Amazônia pós-Cabanagem (1840-c.1870)”.

Com esse conjunto de contribuições originais, o dossiê abarca a complexidade do proletariado atlântico em seu caráter multiétnico. Através das diferentes culturas e experiências dos trabalhadores em movimento, esses estudos fornecem um manancial renovado de reflexões historiográficas em sentido transnacional e conectada, atualizando um compromisso firmado pela *Revista Mundos do Trabalho* desde o seu primeiro número.⁶

6 LINDEN, van der. História do Trabalho: o velho, o novo e o global. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 11-26, 2009.